



TOMO VI Nº 3

Blumenau

em

ca

der

nos

Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A

Rua Iguaçu n.ºs 291 e 362 — Caixa Potal, 80
Fone 1332

- ★ GAZES E ATADURAS MEDICINAIS
- ★ ★ ATADURAS GESSADAS
- ★ ★ ALGODÃO HIDRÓFILO
- ★ ★ FRALDAS PARA BEBÊS
- ★ ★ FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS
- ★ ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE



BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VI



Nº. 3

DOIS HOMENS E DUAS IDEOLOGIAS

GUSTAVO STUTZER
(Do Livro "In Deutschland und
Brasilien". Tradução de Cristiana
Deeke Barreto)

Logo nos primeiros dias que se sucederam à nossa chegada a Blumenau, despertou-me a atenção um homem que, tôda manhã, pelas nove horas, passava a passos largos e lentos pela vila. Não olhava para a direita e nem para a esquerda. Mesmo nem a mínima atenção prestava aos cumprimentos dos transeuntes.

A sua aparência era tão esquisita quanto o era o seu temperamento. Pés nus, metidos em sandálias e o corpo ossudo, em calças claras de riscado, o tronco vestido de camisa folgada, aberta ao peito. No cinto, trazia um facão em bainha de couro. Um chapéu de abas moles cobria-lhe a metade do rosto. Segurava um bastão na mão direita, fazendo compasso com o pé esquerdo.

O conjunto dava a impressão de autômato inanimado em locomoção. A vasilha de latão verde, alçada às costas, evidenciava tratar-se de um colecionador. Era, em todo caso, um tipo original.

Tomei informações a seu respeito e vim a saber que o homem era um importante colecionador de Darwin. Este, em suas obras, cognominava o Dr. Fritz Müller de "o mais idôneo e ativo dos pesquisadores de insetos", ao qual êle, Darwin, assim como as ciências naturais, deviam imensa gratidão.

Tratava-se, portanto, de um original célebre.

Não se importava êle, assim me contaram, com pessoa alguma, como também não era acessível a ninguém.

Isso me animou a procurá-lo e de fato conseguí chegar ao seu gabinete de trabalho.

Estava êle sentado junto a uma mesa muito bem areada examinando bezouros que depois atirava dentro de vidros de alcool.

Após rápido olhar, apontou-me uma cadeira à sua frente, dizen-

do-me em tom mal humorado, que logo terminaria e que fizera um achado importante que deveria proteger convenientemente.

Achei isso natural e, assim, tive tempo de examinar demoradamente a cabeça do homem. A testa alta e saliente fazia com que o crânio parecesse pequeno. O bigode não conseguia esconder os largos traços da boca. Observando os insetos, apertava os olhos pequenos. Achar-me diante de uma personalidade de grande valor intelectual, mas pouco simpática.

Olhando-me de esguelha êle dirigiu-me a palavra:

— O senhor não teve medo de me procurar?

— Medo por que?, respondi. Não tenho medo de homem nenhum.

— Deveras? O Senhor teria procedido melhor se tivesse medo do dr. Blumenau e tivesse ficado na Alemanha. Eu sei que o senhor é um ortodoxo (1) e eu odeio essa gente.

— Sei que o Senhor é um naturalista célebre, cujas pesquisas e resultados respeito plenamente, mas cujas conclusões filosóficas, entretanto, não valem nada.

— Não se dê ao trabalho de querer catequizar-me, disse êle com aspereza. Não creio naquilo que o senhor chama de Deus e o que classifica de espírito, não passa de funções do cérebro. O que entendem como pecado são puras ilusões. Eu não necessito de um salvador. Digo como Voltaire: "Ecrasez l'infame". Tudo é matéria. Os sacerdotes são os maiores inimigos da humanidade!

Esse palavriado ôco, sempre repetido por homens daquela espécie, não me impressionaram. Veio-me à mente o versículo do salmo: "Os tolos dizem em seu coração: Deus não existe".

— O senhor vai além das atitudes de Darwin que é amigo e patrocinador das missões cristãs entre os gentios pagãos.

— Isso, retrucou, são remanescentes ridículos da sua educação inglesa...

— Eu vim aqui apenas para conhecer o homem desta comuna mais conhecido no mundo. A sua reação violenta, dr. Müller, mostra que, no íntimo, o senhor ainda não está perfeitamente convencido...

Dito isso, despedi-me.

As filhas do dr. Müller, pouco depois, converteram-se ao catolicismo (2).

Havíamos ocupado uma moradia nas proximidades da igreja católica e estávamos sentados, certa noite, na sala, sem conversarmos. O lampião, dependurado no teto, espalhava tênue claridade e nós dois, velhos, e a preceptora de nossos filhos estávamos lendo, enquanto os meninos se entretinham com trabalhos manuais. A pequerrucha Eva já estava dormindo.

Simultaneamente a fortes batidas, a porta se abriu, aparecendo, no limiar, em trajes diários de sacerdote católico, o padre Jacobs.

— Concedam-me a gentileza, por obséquio, de ficarem todos sentados como estão, disse êle, pois gostaria de gravar na minha memória a imagem de uma distinta família alemã, que há tanto tempo não vejo... Bem. E agora permitam que me apresente.

De vista nós já o conhecíamos. Também eu lhe havia feito uma visita, sem encontrá-lo, entretanto.

Com o desembaraço e a segurança da alta sociedade, cumprimentou êle primeiro a dona da casa e depois a nós todos, acrescentando umas palavras gentis e sem apêrto de mão, como um homem acostumado a parquetes de residências ducais. Ficamos admirados com a classe e o porte distinto do visitante.

Dizendo:

— Desculpe, minha senhora, por aparecer a uma hora tão imprópria, êle dirigiu-se à minha espôsa. Observei, da escada da igreja, a luz do lampião e as cabeças inclinadas. Essa visão tocou-me profundamente e, homem solitário, não tive ânimo de voltar ao meu gabinete de estudos. Concedam-me a gentileza de poder cumprimentá-los como bons vizinhos.

O timbre da sua voz era macio, mas másculo. A boca chamava a atenção, de tão pequena, o queixo bem desenvolvido e enérgico, os olhos grandes e escuros. Nos traços do rosto magro e liso, havia o reflexo de muita meditação e de passadas máguas.

Minha espôsa, bem impressionada pelas palavras e pela conduta do visitante, respondeu gentilmente:

— Que valha a palavra, senhor padre. Mantenhamos relações de boa vizinhança. Já como crianças nós aprendemos, na interpretação do quarto pedido do “Pai Nosso” que “vizinhos bons e sinceros fazem parte do “pão nosso de cada dia”.

— Vocês, luteranos — êle se dirigiu a mim — teem no pequeno catecismo de Lutero um grande tesouro, a expressão mais perfeita da Fé, e isso em interpretação popular. É pena que a quarta parte do Credo, sôbre o Santíssimo Sacramento esteja, apenas quase, mas não bem certa. Do contrário, eu assinaria tudo, do princípio ao fim. Só não aprecio as explicações. Só não aprecio as vastas explicações dogmáticas dos diversos catecismos regionais. Para que despejar-se água numa nascente forte?

— Estou admirado, eu retruquei, que o Senhor seja tão versado nestes assuntos. Para mim é novidade que sacerdotes católicos se ocupem e que lhes seja permitido ocuparem-se com tais estudos e pesquisas.

— Eu, interferiu minha espôsa, acho que a nossa interpretação da quarta parte do Credo está mais bem chegada à da religião que o senhor professa do que à igreja reformada.

— Espero que tenhamos ainda outras oportunidades de discutirmos tais assuntos. Representam estas perguntas e êstes problemas o que há de mais elevado :o espírito na vida humana. Mas, devo aos senhores o esclarecimento sôbre o fato: é que eu, como prelado doméstico do Vaticano, tenho autorização de ler quaisquer assuntos contrários à religião, sem licença do Conselho Supremo, tendo competência de absolver-me a mim mesmo.

Achei o esclarecimento extraordinário e o título misterioso para quem exerce atividades à orla de florestas virgens brasileiras. Não lhe escondi a minha perplexidade.

— É apenas um título que é conferido, mas não é usado. Eu, para o mundo, não sou nada mais que um simples sacerdote, um entre muitos milhares. Compreendo que os senhores, neste nosso primeiro

encontro, tenham o desejo de evitar discussões sôbre questões e diferenças de credos e gostariam de dar a palavra ao visitante.

— Certamente, senhor padre. Mas não posso esconder que o senhor me deixou curioso em saber pormenores da sua vida. Ouvimos, até agora, apenas, em ligeiras referências, que o senhor é jesuítua.

— Sou, e muito me ufano de pertencer à Sociedade de Jesus, disse êle, destacando as palavras. Continuou com mais vivacidade: Eu sou um daqueles tintos na própria lâ, absolutamente convencido da grande missão da nossa Ordem no desenvolvimento da história. Discípulo do Colégio Jesuítua de Roma, depois lente de direito eclesiástico, fui destinado para educador dos filhos do Duque de Montpensier. Sete anos me mantive neste cargo, em Paris e nas respectivas propriedades do interior da França, tendo acompanhado os meus alunos também nas suas longas viagens pela Europa, chegando a conhecer, assim, tôdas as côrtes católicas do Velho Mundo. De volta a Roma, recebi como única, mas alta distinção, o referido título, com ordem de partir para assumir a direção das nossas instituições missionárias na América do Norte. A minha incumbência era a de combater a forte propaganda protestante. Não escondo ao senhor: Muito mais bem montado contra nós estava o Sínodo de Missouri.

Para exercitar os meus colegas a desempenharem da melhor forma possível a sua tarefa, estudei o material doutrinário dos adversários, instruindo os mais competentes dentre os sacerdotes por mim orientados, sôbre a inclusão vantajosa dos pontos de divergência das duas doutrinas, nas suas práticas e palestras. Como prelado doméstico do Vaticano, pude ler a Bíblia na tradução de Lutero e examinar todos os credos protestantes. Nos exercícios de discussão, desempenhei o papel de luterano ortodoxo. Isto foi a minha desgraça. Não na interpretação doutrinária, mas quando apresentei os motivos históricos, com que os protestantes contestam a sucessão de São Pedro, e o que êles alegam contra o domínio temporal do papa, fui demasiadamente convincente.

A voz do visitante tornou-se mais fraca.

— Chamado a Roma, justifiquei a minha atitude e não fui censurado, mas recebi a ordem de seguir para cá. Eu sabia o que isso significava. Foi o destêrro. Talvez eu tivesse sido obstáculo para outros. Mas isso foi bom para o meu desenvolvimento espiritual. Os meus objetivos, orgulhosos demais, precisavam ser quebrados. “Senhor, nas tuas humilhações tu me engrandeces”. Por enquanto, porém, sou ainda muito pequeno. Elias debaixo do sabugueiro. Êle voltou à vida, às altas flutuações da vida. Eu sei, apenas, onde serei enterrado. Um inimigo ainda não venci: a solidão. A horrível solidão. Na hora em que ingressei na Ordem, deixei pai, a mãe tão amada, dois irmãos e uma irmã querida. Fiz o juramento de não mais conhecê-los. Estarão vivos ainda? Não tenho família, nem domicílio, nem pátria!

Ergueu a cabeça que inclinara para o peito e continuou:

— Fico-lhes agradecido por terem me proporcionado a visão de uma vida em família tão harmoniosa e pela oportunidade de poder me comunicar finalmente com alguém. Portanto: à boa vizinhança!

Ficamos profundamente emocionados com essas revelações.

Laços de amizade ligaram-nos para sempre ao Padre Jacobs. As divergências mais fortes de opiniões e pontos de vista não destruíram as boas relações. Discutimos sobre a adoração dos santos que, também ele, na interpretação do catecismo romano, não apoiava; sobre o culto mariano que eu, em suas diversas formas, lhe apontava como comparáveis a cultos pagãos; sobre a justificação unicamente através da Fé; sobre o purgatório, indulgências etc.

Quando partimos de Blumenau, presenteei-o com uma caixa de livros. No fundo da mesma eu colocara uma seleção das obras de Lutero.

Agora ele já descansa para sempre há muito. Que a luz eterna resplandeça sobre ele.

Dois homens e duas tendências ideológicas, bem juntinhos, mesmo à beira das matas brasileiras...

1) — Gustavo Stutzer era pastor protestante.

2) — Isso não corresponde inteiramente à verdade. Uma filha de Fritz Müller, aleijada de nascença, precisava de cuidados que as pessoas da família, após a morte da mãe, não puderam lhe dispensar. Foi confiada, então, às Irmãs da Divina Providência, recém estabelecidas em Blumenau. Na propriedade dessa Ordem, atrás do convento, construiu-se uma casinha isolada, onde a doente viveu e faleceu, sempre bem cuidada pelas Irmãs, a quem deixou as diminutas posses. Esta filha do dr. Fritz Müller converteu-se ao catolicismo. (Notas da tradutora).



BLUMENAU ANTIGO



Trecho da Rua das Palmeiras, no começo do século. Na sua carrocinha o mestre de música Augusto Werner, que também foi barbeiro e Oficial de Justiça.

Primeiro Centenário da Igreja Evangélica em BRUSQUE

AYRES GEVAERD

Os registros oficiais não precisam o dia do primeiro Culto Evangélico realizado em Brusque; entretanto, a Comunidade local considera 17 de Abril de 1863 como sendo a data exata, baseada, certamente, em documentos particulares ou na tradição oral.

A primeira manifestação prática deu-se em 1861 quando entraram na Colônia maior número de famílias evangélicas, a maioria das quais foram instaladas em Batêas, então distrito colonial. Nêsse local foi construída a primeira Casa de Orações, provavelmente de ripas e coberta com folhas de palmito e o Serviço religioso dirigido por um dos colonos. No relatório da direção da Colônia, corresponde o ano de 1861, dirigido ao presidente da Província, o diretor destaca a necessidade urgente de um pastor, afim de ministrar a religião a cerca de 200 evangélicos residentes na nova Colônia. As primeiras famílias protestantes de Brusque eram as seguintes, participantes que foram da primeira leva de colonos aqui chegada no dia 4 de Agosto de 1860:

Augusto Höfelmann
Frederico Guilherme Neuhaus
Frederico Orthmann
Daniel Walther

Luís Richter, todos casados, com filhos.

E, para ratificar o registro da existência da primeira Casa de Orações em Batêas, anotamos a seguir as famílias evangélicas aqui chegadas em 1861, com descendentes, em regular número, ocupando ainda hoje, terras naquela região, que se estende da margem esquerda do rio Itajaí mirim até o morro: Felipe Krug, João Carlos Schuck, Amadeus Feige, Carlos G. Werner, Jacó Krieger, Cristiano Albrecht, Henrique Yühl, Guilherme Krieger, Pedro Stafen, Cristiano Miessfeld, Carlos Sacht, Carlos Krieger, Henriqueta Staak, Hening Jönk, Pedro Jensen, João Jorge Hass, Frederico Schroeder, Detlef Horst, João Schwartz, Frederico Gehler, Fernando Jönk, Detlef Todt I e II, Nicolau

Kistenmacher, Francisco Pedro Haag, Jacó Krumenauer, Jacó Willrich, Guilherme Jungblut, Augusto Bretske, Henrique Feuneberg, Frederico Kramer, Cristiano Matz, Felipe Krieger, Henrique Niels, Henrique Koch, João Sabel, Henrique Bettermann e Jacó Korb.

No mencionado relatório, o diretor interino João André Sogoy Junior justificando a necessidade de um pastor cita um batizado de emergência procedido pelo colono Eugenio Rieger em criança que, em sua opinião, apresentava perfeita saúde, e desaprova o ato. O fato se encontra anotado no livro especial da Comunidade como tendo ocorrido no dia 1 de Janeiro de 1862 e a criança, Heinrich Paul Gustaw Philip Ludvig, filho de Johan J.F Sabel, nascida no dia 23 de Dezembro de 1861. O pastor Osvaldo Hesse abençoou e ratificou êste batizado no dia 21 de Abril de 1863. O Barão Maximiliano de Schnéeburg, primeiro diretor da Colônia, no relatório de 1862 assim descreveu a situação da Igreja Evangélica, depois de mencionar as atividades da Igreja Católica, "Os colonos evangélicos fizeram também nas Bateas e a suas expensas uma pequena casa também de fraca construção em que se reúnem nos Domingos para o seu Culto. No primeiro relatório sobre o ano de 1861, pediu a Diretoria ao Exmo. Snr. Presidente, como no presente relatório também submeto o mesmo pedido ao conhecimento e a benignidade na determinação de Va. Excia., que se digne encumbir ao Ministro evangélico da Colonia Blumenau de visitar, pelo menos enquanto o Governo não mandar sacerdotes (alemães) de ambos os Dogmas da Fé, para residirem nessa Colonia, alguma vez ao ano, este estabelecimento, afim de ministrar aos seus Correligiosos os Sacramentos; aonde existem já 237 colonos protestantes que á mais de 2 annos ainda nem uma vez tiveram o consolo de socorro espiritual, havendo entre elles grande numero de cre-

anças a batizar e casamentos a ratificar."

Desejo destacar neste modesto trabalho, como preito de Homenagem e Justiça, a obra extraordinária desse notável homem que foi o Barão Maximiliano de Schnéeburg, especialmente, com relação às duas Confissões católica e evangélica, em Brusque, durante todo o período de sua administração. Consolidando a Colônia, Schnéeburg não descuroi em proporcionar à sua gente, indistintamente, assistência moral e espiritual. Verifica-se em seus documentos, quando se referia à Igreja protestante, a confiança, dedicação e amizade que o ligava ao pastor Henrique Sandrescyk. Tanto que, por várias vezes, confiou ao pastor a direção da Colônia quando, por força do cargo, viajava a Itajaí ou Destêrro. Apesar de pedir com insistência, de rogar, de implorar até, empregando uma linguagem simples e franca que lhe era característica, o nosso primeiro diretor não chegou a ver a Casa de Orações na sede da Colônia pela qual tanto se empenhou. Sériamente doente, deixou sua querida Colônia, em Abril de 1867, para nunca mais voltar.

Um exemplo de suas atividades com respeito às duas Igrejas está expresso no documento "RESERVADO" que firmou a 20 de Agosto de 1862, procurando a tranquilidade social, religiosa e familiar em sua Colônia: -- "Todos os pretendentes a se casarem, apresentam-se na Diretoria declarando essa sua resolução em presença dos seus respectivos pais ou parentes de quem dependem. Si ambos os contraentes professam a religião reformada elles se obrigam por um contracto provisório por elles e as testemunhas assignado, em que declararam de considerar-se desde então como legitimamente casados, concedendo-se reciprocamente todos os direitos e prerrogativas assim como á seus filhos futuros e aos que existem anteriormente de uma ou outra parte (mutuamente adoptados na mesma ocasião) que relativamente a seus bens possuídos e a possuir lhes pertencem como interessados da mesma familia. As assinaturas deste contracto e o espontaneo conteúdo do mesmo são pela diretoria por verídicos atestados e o contrato mesmo depositado no Archivo da direção, para que ratifiquem esse casamento, co-

mo se obrigam em uma clausula no dito contracto na primeira occasião, por um Ministro de sua Religião conforme o Ritus usual da mesma. Si um dos contraentes professa a religião Católica e o outro a reformada então passam e depositam no archivo um contracto semelhante ao acima descripto acrescentando de educar os seus futuros filhos na Religião Catholica Apostolica Romana sem prejuizo nos direitos ou constrangimento de crença dos filhos que talvez anteriormente pertençam a um ou outro dos contraentes o que neste acto adoptam reciprocamente. A revalidação d'esse casamento provisório por contracto obrigativo deve então ser recelebrado na primeira occasião no Rito e Estylo prescripto por Sacerdote catolico. Destes ultimos casamentos mixtos appareceram desde a fundação da colonia, somente dous casos que de facto foram affirmados por recelebração conforme a clausula do contracto nas formalidades indicadas pela S. Igreja Catholica por intermedio do Reverendo Padre Gattone, vigario da Freguezia de S. Pedro Apostolo na segunda occasião em que funcionou n'esta Colonia que era no mez de Julho proximo passado. Dos casamentos entre contraentes ambos reformados appareceram tambem somente dous casos na forma que declarei. Elles estão ainda a espera, como mais 200 outros protestantes da Colonia para os socorros e funções espirituais de um Ministro autorizado. Concluo essa minha obediente informação com a humilde revelação a V. Excia. que começam a sentir-se já pequenas (por ora) rivalidades, de ainda nem uma vez em dous anos os protestantes foram accudidos por Ministro de sua confissão, quando nos catholicos já tiveram pelo menos duas vezes essa providencia. Deos guarde V. Excia."

É muito provável que a data de 17 de Abril tenha sido o dia do primeiro "Gottesdienst" realizado na Colônia, pelo pastor Oswaldo Hesse, no rancho dos imigrantes, se observarmos o ato de batismo registrado no dia 21 de abril, do menino Heinrich. É de admitir o fato do pastor Hesse ter permanecido por varios dias na colônia, com o objetivo de normalizar a nova Comunidade. Nascimentos, batizados, confirmações e casamentos fo-

ram certamente realizados e condignamente abençoados.

Em Janeiro de 1863 o primeiro diretor, no sentido de facilitar a visita do pastor residente em Blumenau solicitou ao presidente da Província verba para atender as suas despesas de viagem. Mais tarde, quando as visitas do pastor se tornaram normais, de 3 em 3 meses, o Barão solicitou também ajuda de 360\$000 por ano para uma cavalgadura, facilitando a visita do sacerdote pela colônia. Estabelecidas as visitas de seu guia espiritual, tinham ainda as primeiras famílias evangélicas de Brusque, de submeter-se às exíguas condições de seu templo. Depois da primitiva casa de palmitos na Batêa, o rancho da imigração, sem assoalho e sem janelas, e a casa da escola do sexo feminino. Mas já cuidavam de se organizar como vemos no pitoresco registro do Barão, fazendo também menção à Igreja Católica: "cada Crença possui 3 correligionários que cuidam da Caixa e zelam pelas suas capelas ou Casa de Culto". Para exercício de sua função o pastor trazia consigo os paramentos necessários. Na escola do sexo feminino, dirigida pela professora Dona Augusta von Knoring, cujo centenário há pouco foi comemorado, adaptada às vezes para o Culto, registrou-se a 2 de Agosto de 1863 o batizado do menino Maximiliano A. Oscar Rleger servindo de padrinhos a nossa primeira professora e o Barão de Schnéeburg.

Ao fazer seu relatório, correspondente a 1863, voltou o diretor a insistir com o governo na construção da Igreja católica, cujo local fora pessoalmente escolhido pelo presidente e uma "Casa decente própria para o Culto Evangélico".

Continuou o primeiro pastor a exercer suas atividades até Dezembro de 1864. Terminava assim uma atividade digna e meritória, entregando-a em Janeiro de 1865 ao primeiro pastor residente Johan Anton Heinrich Sandreczky.

Apesar de nomeado a 15 de Julho do ano anterior o novo titular, por razões ignoradas, assumiu o cargo somente 6 meses depois. Schnéeburg, sempre providente e zeloso, cuidou de proporcionar ao novo colaborador todo conforto possível. Solicitou verba, 16\$000 mensais, para aluguel de uma

casa que serviria também para a escola pública do sexo masculino e residência do respectivo professor. Não se conformou com a sugestão do presidente da Província para que o novo pastor, solteiro, ainda, residisse na pequena e incômoda casa da Diretoria. E, confirma Schnéeburg, em documentado de 24 de Novembro: "Não existe em tôda colônia outra casa, excetuando a escola pública do sexo feminino na qual mora a professora e os ranchos de táboas provisórios, sem assoalho e sem janelas, para receber colonos novos, um deles servindo provisoriamente para casa de Orações dos protestantes. Existe porém uma casa nova particular recém construída que o dono aluga por 16\$000 e na qual poderá residir o pastor por ora solteiro." Realmente isto aconteceu e o pastor passou a residir com o professor público Max von Borrowsky, cidadão que exerceu também as funções de secretário da diretoria e diretor interino. Borrowsky, cumpre anotar, teve assinalada atuação na vida da colônia com nobre fôlha de serviços prestados.

A Comunidade Evangélica, com o seu sacerdote residente, iria passar por completa transformação. Uma parte do rancho dos imigrantes foi melhorada, possibilitando melhoria para o Culto. Esta adaptação custou aos cofres oficiais, segundo prestação de contas do diretor feita a 6 de Fevereiro, 14\$000. O livro de Registros da Comunidade também foi organizado e os primeiros registros foram os que se seguem:

23 de Fevereiro: — Falecimento: Gustavo Neuhaus, com 14 anos de idade. 9 de Julho — Confirmação: Friedrich Neuhaus. 1 de Novembro — Casamento: Johan W. Wandrey com Maria Charlotte Johana Jönk, com respectivamente 30 e 19 anos.

Firmava-se progressivamente a Comunidade ante a capacidade de seu pastor residente, perfeitamente verificável para quem, hoje, examinar o seu Livro de Tombo. Anotações claras, minuciosas e completas em tôdas as atividades. Além de cuidar de suas funções espirituais e morais, Sandresky não descuroou da parte material. Junto com o Conselho Administrador, formado por homens dedicados preparou as bases indispen-

sáveis para a consolidação da Comunidade Evangélica Brusquense. Imprimiu-lhe o signo do amor e da dedicação, desde os primeiros dias e o espírito do progresso que vem orientando seus sucessores e diretorias, consolidando uma Comunidade cuja beleza material e moral, decorridos 100 anos, vemos agora em toda sua plenitude.

Sandrescky não só se projetou em suas funções de Cura; teve destacada atuação na vida da Colônia. Já dissemos que foi amigo dedicadíssimo do diretor Schnéeburg como também o seria dos demais administradores. Procuraremos anotar essas atividades: diretor substituto da Colônia; professor da escola da própria Comunidade cuja primeira aula ministrou no dia 20-4-1872; membro da Comissão Organizadora de 3 exposições agrícolas em 1872, 1873 e 1874; intermediário de colonos que desejavam a vinda de parentes e amigos da Alemanha; mediador, com a direção da colônia, na questão surgida com a Igreja católica com relação ao uso do cemitério público, tendo requerido tempo "moral e razoável" para enterrear seus mortos, até conclusão do cemitério evangélico; tesoureiro de soldados do grupo de "Voluntários da Pátria" cujos soldos recebia e encaminhava às respectivas famílias; idealizador de um estabelecimento de educação para moços idêntico ao da Colônia Santa Izabel, requerendo, em Marco de 1866, do Governo, terreno perto do lugar designado para a Casa de Orações e casa residencial.

O ordenado do pastor era de 200\$000 por ano com residência também paga pela administração que destacava mensalmente 12\$800. Para atender os interesses da Igreja, em todo território da colônia e mais o da colônia Príncipe Dom Pedro, requereu em 16-6-1869 a importância de 30\$000 destinada para um animal de montaria. E isso era de extrema importância considerando-se a extensão das duas colônias e as dificuldades de locomoção naqueles tempos. Tinha direito a compra de terras que lhe foram cedidas por despacho do governo da Província em data de 17-3-1868 com área de 35.000 braças quadradas. O diretor interino Dr.

Barzillar Cottle solicitou ao presidente que fôsse determinado preço razoável, pois a maior parte do terreno era impróprio para agricultura.

Desejamos, antes de terminar esta contribuição para a história da Comunidade Evangélica de Brusque, limitar aos seus primeiros passos, anotar mais algumas providências da Direção da Colônia com relação à Casa de Orações, que seria inaugurada somente em 1872. Esta Casa, que existiu no local onde se ergue agora o edifício do Grupo Escolar Alberto Torres, dela devem lembrar-se ainda muitas pessoas de idade avançada, na qual receberam explicações de sua religião e as primeiras letras. Em Janeiro, Maio, Novembro e Dezembro de 1867 a direção voltou à carga, insistindo na necessidade de ser construída a Casa. No documento de Maio, dia 15, Barzillar Cottle remeteu planta e orçamento encarecendo a necessidade do sr Presidente "proteger e mediar" a breve execução do edifício. O presidente de então, Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda em despacho, determinou remessa dos mencionados papéis ao Sr. Ministro da Agricultura. Finalmente, em Dezembro desse mesmo ano, 1867, aconteceu o inevitável: "ruiu o rancho que servia para os evangélicos e em consequência o Culto passou a ser ministrado em uma "casa de pasto" que também servia para divertimentos públicos". Em face desse desastre e da demora do governo em aceder aos constantes rogos da administração, os evangélicos de então, cheios de zelo e de brio, iniciaram coletas para edificar uma "casa decente de Orações e conveniente Dignidade do Culto." Com ou sem dinheiro público a construção foi iniciada, e cada pessoa ou família contribuiu com material e serviços, de acordo com as possibilidades ao seu alcance.

Se concentrarmos o nosso pensamento no passado e analisarmos o trabalho pioneiro das primeiras famílias evangélicas de Brusque, poderemos compreender a alegria com que inauguraram sua Casa de Orações. A mesma alegria de reconhecimento com que os evangélicos de hoje festejam o primeiro centenário de sua instalação em Brusque.

A COSTELA DE ADÃO

Mano Jango

*Um dia disse Frei Brás,
Numa inspiração feliz:
— Velha Matriz, já não dás!
Vou fazer outra Matriz...*

*E como faz o que diz,
E faz bem feito o que faz,
Traçou plantas e perfis:
Fêz a Matriz num zás-trás!*

*Vendo a obra concluída,
Falou Frei Brás: Puxa vida!
Falta a Tôrre, amigos meus...*

*... E a Tôrre, com majestade,
Já se eleva na cidade,
Apontando para Deus!...*

(Por ocasião da inauguração da Nova Tôrre da Matriz de Blumenau) —



Como se sabe, a senhora mãe do senador Lauro Müller faleceu em 1897, no Rio de Janeiro, em casa do seu ilustre filho. Entretanto, fôra sempre seu desejo, manifestado várias vêzes em vida, ser sepultada em Itajaí, ao lado de seu espôso, Pedro Müller. Dez anos depois, em 1903, fêz-se a trasladação dos restos mortais da digna senhora para Itajaí. A urna, contendo os despojos, foi embarcada no patacho "Blumenau", da firma Asseburg & Willarding, o qual aportou a Itajaí a 9 de agôsto daquele ano, atracando no trapiche da mesma firma. No dia seguinte, 10, pelas 8 horas da manhã, um cortejo integrado pelas autoridades, escolas, e grande massa popular, tendo à frente o vigário da paróquia, Padre João Batista Peters, foi buscar a urna, transportando-a em procissão até a matriz, onde foram celebradas solenes exéquias. Ao fim destas, organizou-se nova procissão que conduziu a urna até o cemitério, onde foi dada à sepultura no jazigo da família, ao lado de seu marido. O nome do casal Peter Müller, pais de Lauro Müller, está ligado à história dos primeiros anos da colônia Blumenau. Peter Müller prestou grande ajuda ao dr. Blumenau auxiliando-o no transporte de imigrantes e cargas de Itajaí para Blumenau. Serviu, também, de estafeta para o transporte da correspondência da colônia para o resto do país e do mundo.

A mãe de Lauro Müller, dona Ana Müller, senhora de grandes virtudes, deixou, em Itajaí, fama de bondade e de grande interesse pelo bem estar do próximo. Muito caridosa, não perdia oportunidade de fazer favores aos seus semelhantes, especialmente quando se tratasse de gente pobre. Daí o ter quase tôda a cidade comparecido às cerimônias de colocação de seus restos mortais ao lado dos do seu espôso.



THOMÉ BRAGA

Quem em Blumenau morou ou por aqui passou entre os anos de 1890 a 1950, certamente conheceu, ou ouviu falar, de Thomé Braga, um baiano de nascimento mas blumenauense de coração. Ele dedicou toda uma vida à este nosso torrão, aqui fixando residência: numa cidade que em fins do século passado tinha mais aspectos assustadores do que acolhedores. No entretanto, Blumenau cativou desde logo a simpatia desse ilustre baiano. Essa simpatia foi o bastante para convencê-lo a fixar residência e aqui educar seus filhos e também aqui fechar os olhos para o mundo.

Nascido em 21 de dezembro de 1862 em Rio Vermelho, bairro da cidade de Salvador, na Bahia, Thomé Braga contraiu núpcias com uma jovem da sociedade de Santo Amaro (também na Bahia), de nome Alcina, que foi sua fiel companheira até o fim da vida. Comerciante abastado, atendendo a um convite feito por seu cunhado, o Dr. Bonifácio da Cunha, então Intendente de Blumenau, Thomé Braga aqui chegou. Sôzinho, em 1891, quando foi nomeado Secretário interino da Intendência. No ano seguinte retornou à Bahia e em 1894, juntamente com a família, transferiu-se definitivamente para Blumenau, tendo na ocasião, vindo ocupar um importante cargo na Comissão de Colonização de Terras, para o qual o Governo o nomeara. Após exercer tal cargo, resolveu abrir escritório de advocacia em Blumenau, pois era advogado, e tal profissão não vinha sendo exercida com regularidade na região. Além dele, existia apenas um outro advogado em Blumenau. Amizades sólidas conquistou Thomé Braga nesta terra. A maioria de seus filhos nasceu e aqui ainda vive. De espírito empreendedor, promoveu muitas vezes, e prestigiou sempre, a apresentação, em Blumenau, de grandes companhias de óperas, o que contribuía, na época, para o movimento cultural da colônia, então em franco desenvolvimento.

Sempre exercendo a profissão de advogado, sendo grandemente procurado pelos pobres, aos quais nada cobrava, Thomé Braga foi ainda, por diversas vezes (nas décadas de 20 e 30), Delegado de Polícia, cargo que soube ocupar com brilho, haja vista às inúmeras vezes que foi designado para tal pôsto.

O nosso focalizado de hoje, serenamente viu chegar a velhice, vindo a falecer no dia 17 de abril de 1950. Comemorou-se naquele ano, em setembro, o Centenário de Blumenau. Desses 100 anos, durante 60 ele participou ativamente da vida e progresso do município que tanto soube amar. A homenagem que Blumenau lhe prestou encontra-se bem representada numa rua que ostenta o nome desse homem simples e bom: Thomé Braga.

PORQUE EMIGRAVAM OS ALEMÃES

LUIZ J. STEHLING

É com prazer imenso que atendo a gentileza do convite feito pelo Sr. J. Ferreira da Silva, para escrever alguns artigos sôbre a colonização alemã no Brasil, principalmente em Minas Gerais. Agradeço-lhe a oportunidade que me ofereceu para tornar público por intermédio de "*Blumenau em Cadernos*" de vários aspectos desta colonização, que serão condensados do meu "OS ALEMÃES EM JUIZ DE FORA", que está prestes a entrar no prelo.

Na minha infância, sempre ouvia em conversa meus avós descreverem as maravilhas que tinham deixado na Alemanha, lá do outro lado do Atlântico. Uma dúvida cruel torturava meu espírito: "Se lá tudo era tão bom, por que, êles então emigravam? Um belo dia esta dúvida valeu-me uma tremenda "surra"; era ainda rapazinho quando perguntei inocentemente: "Meu avô, se tudo lá era tão bom, por que o Sr. veio para o Brasil?..." Depois que levei esta surra, nunca mais quiz saber o motivo porque tinha emigrado. Mas a pior coisa dêste mundo é a dúvida. Esta ficou-me verrumando o espírito sem me dar sossêgo. Comecei a ler em livros, revistas e jornais, tudo o que referia-se a emigração alemã para o Brasil, e depois de já estar em idade madura, cheguei à seguinte conclusão: — Os alemães apesar de possuírem uma grande cultura, sempre foram vítimas da política ambiciosa de governos estrangeiros, que os mantinham retalhados e governados por nobres fantoches, que tinham sôbre êles direitos feudais de vida e morte. A luta religiosa entre Roma católica e a Alemanha Luterana, ocasionava sangrento extermínio de alemães. A pobreza franciscana dos camponeses que não tinham o que comer, mas eram milionários na natalidade de filhos. A grande fome que arrazou a Alemanha em 1815, quando as tropas de Napoleão I devastaram tôda a terra, e se tudo isto ainda não bastasse, para aumentar-lhes as desgraças, viram-se rodeados de agentes colonizadores de vários países que tudo lhes prometiam na América. Lá teriam casas para morar, terras para plantar, ferramentas para trabalhar, gado leiteiro, porcos, aves domésticas, tudo de graça... Acreditavam nestas promessas falsas e quando aqui eram chegados, a realidade era outra... Agora era tarde para retroceder, algumas famílias desertavam, os solteiros fugiam para as cidades e assim, eram espoliados e enganados pelos agentes colonizadores, na grande maioria de nacionalidade francesa, quando embarcados em navios desta nacionalidade, passavam fome, suas espôsas e filhas eram desrespeitadas pela tripulação, o que ocasionou muitos "motins" a bordo. Num dêles os imigrantes dominaram a tripulação, prenderam o comandante e o piloto e quando iam atirá-los ao mar, uma cabeça mais fria ponderou: "Gente, quem nos levará ao Brasil?" Tiveram que soltá-los e sujeitarem-se aos castigos que depois lhes foram aplicados... Assim eram as viagens.

Depois de desembarcados, ante as enormes dificuldades que se lhes apresentavam, desesperados reclamavam para a Alemanha. Mas, os

retalhos de condados, ducados, principados e cidades livres, não atendiam a estas reclamações, porque depois de emigrados perdiam a nacionalidade. Nunca é demais relembrar os sofrimentos dos colonos do Rio Grande do Sul atirados à sua própria sorte dentro das “picadas” abertas nas matas virgens, dos que vieram para a província do Espírito Santo, atirados dentro de pântanos pestilentos, rodeados de índios ferozes e de feras, fato que inspirou uma das mais belas páginas da literatura brasileira —o romance “CANAA” do escritor Graça Aranha. Não foram as reclamações enviadas para a Alemanha, talvez a cidade de Blumenau nunca existiria. Graças a elas, foi que aqui chegou em Maio de 1846 o jovem Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, enviado pela “Sociedade Internacional de Emigrantes” e “Sociedade de Proteção aos Emigrados Alemães”, para averiguar as denúncias. Contar a odisséia de Blumenau não é preciso, porque já é sobejamente conhecida. Mas as reclamações para a Alemanha continuavam em ritmo ascendente e por isto, em Novembro de 1859, a Prússia votava a “Lei Von Der Heydt” que proibiu a imigração para o Brasil. Não foi somente a Prússia quem proibiu a imigração, também a França numa “circular” datada de 31 de Agosto de 1875, tomava a mesma atitude e o mesmo fez a Itália no ano de 1902.



Anita Garibaldi, Mãe Antes de Guerreira

— ARNALDO BRANDÃO —

Parodiando Bautain: “O amor maternal é o móvel forte e mais constante do coração da mulher.” De fato, disse-nos o biógrafo de Anita Garibaldi, Marechal João Vicente Leite de Castro: “A mulher só é verdadeiramente mulher, quando é mãe. E foi por este lado que mais resplandeceu a vida de Anita, porque foi também o símbolo da dedicação, da ternura e do amor maternal.”

O próprio Garibaldi, através de suas memórias, assim nos deixa escrito: “Ela tornou-se desde então a companheira de toda a minha vida e por conseguinte de todos os meus perigos.”

Recorrendo à história, vamos lembrar que a 12 de janeiro de 1840, em Forquilhas, região cortada pelo rio Marombas, travou-se renhido combate entre as duas forças, tendo cabido a vitória aos Imperialistas.

A gloriosa catarinense, Anita, incumbida da distribuição das munições, expondo-se sempre ao perigo das balas, cái prisioneira do inimigo. Foi cercada do maior respeito por parte dos vencedores. A despeito de tantas provas de generosidade, ela concebe o plano de fugir do acampamento, em ocasião oportuna. Pior se tornara a situação por haver sido confiada à guarda do capitão João Gonçalves, com quem seu pai pretendia desposá-la.

Anita consegue fugir em busca de sua liberdade. Montada em cavalo do seu generoso inimigo, e impelida por idômita coragem, segue

noite afora, em meio de tremendo temporal, de copiosa chuva, por caminhos desconhecidos que levavam a Lajes. A natureza do solo, os obstáculos que se interpunham a cada passo, as escuras grotas e os horrendos precipícios e as cerradas matas que ladeiavam os tortuosos caminhos, povoados de animais ferozes; o frio rigoroso e a fome, tornaram a fuga de nossa heroína um fato único.

Em sua rota encontrou uma camponesa que a recebeu em sua casa de palha e deu-lhe agasalhos. Fê-la descansar um pouco e lhe aqueceu também um pouco de alimento. Parte novamente a destemida, e atravessa a nado o rio Canôas. Outra pessoa lhe dá café e Anita troca a roupa esfarrapada, para partir veloz em busca de seu amado. E pensemos que esta fuga audaciosa, foi realizada pela denodada mulher, quando se achava em adiantado estado de gravidez!

Finalmente chega a Lajes, onde vai juntar-se ao marido. Algum tempo depois dava à luz, em Mustardinha, nas proximidades da Lagôa dos Patos, a seu filho Menotti. Garibaldi cheio de alegria com o nascimento do primogênito, foi a uma vila vizinha, Setembrina, conseguir roupas para a mulher e o filho. Em sua ausência os legalistas surpreenderam as fôrças de seu mando e as desbarataram completamente. Felizmente foi de pouco tempo o sobressalto de Garibaldi, nos relata o Marechal Leite de Castro em sua biografia, pois Anita e seu filho, dentro em pouco, caíam nos braços de Garibaldi. Apesar do desbaratamento das tropas, e de Anita ainda achar-se em situação delicada e dolorosa, pois o combate foi dado quinze dias após o nascimento de Menotti, ela consegue escapar-se a cavalo, levando o filhinho ao colo.

Prossegue ainda o martírio de Anita, quando mais além, na dolorosa retirada de Vacaria que levou três meses a ser efetuada, durante o rigor de um inverno inclemente, seguia então o lúgubre cortejo pela campina branquejada pela geada. Soldados enfermos, mulheres esfarrapadas e famintas que acompanhavam os pais de seus filhos. Não se morria só nos campos de batalha, mas também pelas margens dos rios avolumados pelas chuvas, conta-nos seu biógrafo.

A fome e as moléstias contraídas pelo caminho eram, pois, as maiores dizimadoras. E veríamos então Anita, à cabeceira dos moribundos, a consolar doentes e a socorrer crianças, levando sempre ao colo o pequenino Menotti.

Mais tarde, no Uruguai, nascem-lhe mais dois filhos. Ricciotti e Teresina. Em suas memórias, Garibaldi referindo-se ao nascimento da menina, fatos bem dolorosos são mencionados. O Doutor Odicini, seu médico e amigo, nos conta que quando Teresina nasceu, não havia em casa nem lume, nem meios de fazer um caldo. Para alimentar a parturiente, teve que recorrer ao que havia em sua própria casa.

“Não há elemento que mais possa contribuir para a felicidade de uma nação do que a mulher” — diz-nos ainda o Marechal Leite de Castro, iniciando um dos capítulos do livro em que analisa a personalidade de Anita Garibaldi.

Finalizando, depois de uma vida cheia de glórias, porém nimbada de sofrimentos, Anita vítima de febre palustre, enfraquecida e desgastada, sucumbe em Mandriole de Ravena, local que se tornou célebre pelo fato. Para cúmulo de tantas desgraças em tórno de uma vida tão

CORRESPONDÊNCIA DO DR. BLUMENAU

OUTRA CARTA DE 1846

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1846.
Meus queridos pais.

Depois de ter me referido a assuntos em geral, quero agora falar-vos destes mais detalhadamente, mesmo que eu, de novo, não possa escrever como desejaria, por ter muito que fazer e estar com a vista bastante afetada.

Preciso adiar ainda um relatório extenso, para quando tiver mais tempo e estiver melhor ambientado. Agora, portanto, só assuntos esparsos da minha vida e atividades, desde a minha chegada ao Rio Grande, de onde só lhes mandei duas curtas mensagens, por não me ter sobrado tempo para comunicações mais demoradas e ainda pela razão de ter sabido, tardiamente, da partida dos respectivos navios.

Viajei de vaporzinho do Rio Grande a Pelotas, situada a noroeste, no rio São Gonçalo, que liga a lagoa Mirim com a dos Patos. A passagem levou cinco horas e foi agradável. As ribanceiras do rio são baixas e pouco pitorescas, mas de longe, no noroeste, aparece uma linda cordilheira azul, a Serra dos Tapes. Nas margens do rio São Gonçalo, vi, pela primeira vez, uma capivara por entre os juncos, uma espécie de animal que se assemelha ao hipopótamo em dimensões menores, vivendo quase sempre dentro d'água, tem o tamanho de um porco pequeno. Avistei também algumas espécies de pássaros esquisitos.

O comandante do vapor, amável e conterrâneo, permitiu-me pernoitar a bordo, onde eu, sob o meu casacão, dormi regularmente bem. No dia seguinte, mandamos chamar um outro alemão, bem conhecedor da região — uma espécie de tropeiro — para conversar com ele sobre uma incursão ao interior, que eu pretendia fazer. Indaguei sobre tudo que me interessava, tirando informações valiosas. Depois, andamos pelos arredores, onde cheguei a conhecer muita coisa que me era novidade e que observei com grande interesse.

A vegetação, particularmente, era para mim estranha novidade, como as palmeiras, os arbustos de mamona, cactáceas da grossura de uma perna e com 12 a 6 pés de altura, **ficus-indica**, uma outra qualidade de cactus aproveitada para sebes, enfim não sendo muito fértil a região, muita novidade apresentava para mim.

Bem do lado, onde atracara o vapor, encontrava-se uma charqueada, onde é preparada a carne-seca salgada, e onde estavam sendo secados os couros e procedido o aproveitamento da gordura. Tais charqueadas se estendem ao longo do rio, no percurso de duas horas, sendo que as maiores aproveitam, diariamente, 300, 400 e até 600 cabeças de gado. A vista e o cheiro dessas charqueadas são horroreiros — sangue, ossos, carne apodrecida e peles, estômagos e intestinos em decomposição em toda parte, pes-

tumultuada, o camponês, Ravaglia, a quem fôra confiado o corpo de Anita para que lhe desse sepultura, é acusado de haver estrangulado uma mulher e enterrado seu corpo em lugar obscuro e criminosamente. Alguns agentes de polícia e o médico legista foram ao local indicado e revolveram a terra. O corpo de Anita é exumado e vão encontrar no interior de seus despojos, um feto de seis meses.

E, assim, trepidante e agitada foi a vida de Anita, a rosa da Laguna, a mulher de Garibaldi que foi, antes de tudo, mãe, para ser depois mulher e guerreira...

teando o ar. Os chifres, ligados ainda a uma parte dos ossos da testa são aproveitados para cercados, dentro dos quais são mantidos porcos e outros animais que, parcialmente se alimentam de sobras de carne. Onde quer que se pise, para onde quer que se vá, sempre o mesmo aspecto de sangue, estômagos apodrecidos e mau cheiro. Fiquei deveras contente quando de lá saímos, por mais interessante que o assunto fôsse. Os proprietários dessas charqueadas, os "charqueadores", são geralmente gente bruta, principalmente enriquecidos nos últimos tempos. Se a paz fôr restabelecida no país vizinho, para o que as perspectivas atualmente são boas, o lucro tornar-se-á menor, mas sempre ainda bastante compensador.

Mais tarde visitei ainda um negociante alemão, que me acolheu muito bem, tendo me oferecido pouso e um cavalo, dispondo-se a fazer uma excursão comigo. Andei depois por ali assim, tendo visto, pela primeira vez, um lindo pomar de laranjeiras, que apresentava um esplêndido aspecto, as árvores de ramagem escura e copas arredondadas, onde apontavam as maravilhosas frutas que estavam justamente amadurecendo. É um belo espetáculo observar-se os pomos dourados, um perto do outro, às centenas! Os pés já produzem no seu quinto ano e consta que, já no décimo ano, dão 4 a 6 mil frutas anualmente. No interior me afirmaram que há laranjeiras de 8 polegadas de diâmetro que renderiam seus 4 a 6 milhares de frutas por ano e teriam apenas 3 anos.

A noite, encontrei em casa do sr. Claussen ainda alguns brasileiros, todos já um tanto alcoolizados, com os quais palestrei a respeito da minha excursão, sobre a qual, depois de muita discussão, finalmente nos entendemos. Mais tarde ainda apareceu um grupo de jovens, fantasiados de polacos e polonesas, dançando a polca ao compasso de uma esquizita, mas bonita modalidade de música, que era novidade para mim: uma pequena flauta com acompanhamento de pandeiro. Após os outros terem ainda "champanhado" vastamente e eu meditado sobre os

meus planos para o dia seguinte, fomos dormir. Subi à minha cama de campanha e cobri-me com um cobertor e o meu casacão, dormindo bem até o raiar do dia, quando o meu comandante veio do vapor buscar-me para o início da jornada à Serra dos Tapes.

Começou então a balburdia. O gerente da casa de hospedagem Claussen e alguns fazendeiros ali hospedados, todos ainda sob o domínio das consequências da campanha, não encontraram meios de se acordarem. Verifiquei também que havia cavalo para mim, mas que não havia arreios. Tive que andar para lá e para cá e isso com os negros na sua insuportável moleza. Era de enlouquecer! Finalmente, passadas quatro horas, estávamos prontos para partir, isto é, o comandante e eu, pois todos os demais estavam de ressaca, o que não mais me desapontou, convicto, como fiquei, de que eles só estorvariam os meus propósitos.

Através de uma região de terras baixas, por vèzes pantanosa, dirigimo-nos, montados nos nossos cavalos, em direção noroeste, ao encontro da montanha.

Três horas distante da cidade, na propriedade de um amigo do comandante, pretendíamos trocar de cavalos. Não o encontrando, entretanto, em casa tivemos que continuar nos mesmos animais, que não eram lá muito bons. Um pouco adiante paramos numa estância para nos refrescarmos. O proprietário também não estava em casa, mas sim a patroa e uma irmã dela, ambas chinas, ou índias, com os olhos um tanto oblíquos, pele amarelada e cabelos pretos muito compridos. Como fôsse domingo, estavam elas bem arrumadas, com vestidinhos bonitos e modernos, os cabelos penteados e bem trançados. Interessante era o contraste destes requisitos da civilização com a absoluta ausência de bons modos. Uma delas puxou as pernas, com a maior naturalidade, para cima do banco, encostando o queixo nos joelhos, enquanto a outra, penteando uma criança, falava com o meu companheiro ao mesmo tempo que, com o pente, palitava os dentes.

Lá tomei pela primeira vez o chá

mate (erva mate) a fôlha de um arbusto em forma de árvore, a qual é torrada e socada. Sôbre certa porção desta erva, se põe água fervente (e açúcar quem quizer), sugando-se o líquido através de um canutilho de fôlha de Flandres, ou ouro, que termina em pequena bola perfurada, que se coloca dentro do chá. De início é fácil queimar-se a boca, como a mim aconteceu, mas depois saboreia-se com gôsto êsse chá e também sem açúcar, o qual, segundo se diz, é muito saudável. É preparado sempre na casca de uma pequena abóbora-garrafa, do tamanho de uma mão fechada, às vêzes enfeitada com lindas decorações de prata. Suga-se enquanto tiver chá. Depois, vem uma negra, pega a cuia, e despeja nela novamente água fervente e assim a cuia continua a rodar, não se devendo limpar, de maneira nenhuma, a bombilha, mesmo tendo saído, talvez, da boca de um vizinho bastante sujo, porque isso seria interpretado como ofensa. Quando o mate perde o gôsto, é jogado fora e coloca-se nova porção de erva.

De lá partimos, após agradecimentos pelo gentil acolhimento, efusivos mas formais, tendo alcançado, após várias horas, na colina anteposta à serra outro amigo hospitaleiro, numa propriedade maravilhosamente bem situada, fazendo jús ao nome: "Muito Bonito".

Fomos acolhidos com muita gentileza e dignidade, tendo eu experimentado aí, pela primeira vez, uma refeição à maneira nacional: carne de vaca, bem picadinha, com toucinho. O prato é acrescido de farinha de mandioca (produto conseguido pela raspagem, prensagem e torração da raiz de mandioca) que se mistura à carne, e de que eu gostei muito, juntando-se ainda laranja à vontade.

A permanência ali foi muito interessante. A propriedade é muito bonita, um quarto de légua quadrada, totalmente cercada de laranjas e outras frutas. Mandei pedir informações pelo valor aproximado da mesma, obtendo a resposta que, ao preço de 12.000 dólares (18.000 thalers) estaria certamente à venda. Seria uma propriedade para um agricultor abas-

tado. Fica a seis horas de viagem da cidade e do pôrto de Pelotas, margeada de boa estrada. Lá encontrei, por primeiro, as variedades de laranjas (ou da nossa "Apfelsine", de casca alaranjada), das quais existem diversas espécies de tamanhos e gostos diferentes, assim como acontece com as nossas maçãs.

Tem aqui uma laranja-lima, de casca amarelo-claro, côr de limão, doce, mas um tanto insonsa, a lima de umbigo e a bergamota (da qual se obtém o óleo de bergamota) que também é doce mas nada de gôsto especial. As limas são inferiores às laranjas no gôsto, mas tem a vantagem da produção durante todo o ano, enquanto a da laranja é apenas de seis meses. Depois há o limão, do qual também existem várias qualidades, alguns bem maiores e bastante mais ácidos do que o nosso limão, e por fim as qualidades azedas (cidras) que na Alemanha, chamamos de "Pommeranza" ou laranja azeda.

Havia ainda outras árvores frutíferas, como figos, pêsegos, pinheiros (que dão uma qualidade de nozes) como ainda cana de açúcar, batatas, etc. (vegetais que vi ali pela primeira vez). Além disso havia uma porção de arbustos floridos, mesmo sendo inverno na época, principalmente uma espécie de acácia de flor grande, pupúrea, quase escarlate.

Foi uma pousada agradável, aumentada ainda pela gentileza simples e agradável, mas de grande dignidade, daquela gente.

Depois de termos consumido farto almôço, chupado laranjas e tomado café para finalizar, partimos ao encontro de outro amigo ainda, o qual mora a várias léguas de distância, na montanha.

Anoiteceu entretanto, e nos vimos obrigados a pernoitar a uma milha de distância do nosso destino, em outra fazenda localizada mais esplendidamente ainda do que a "Muito Bonito". Fomos bem recebidos e nos serviram, a pedido de meu companheiro, ainda um pouco de linguiça e farinha, pois eu estava com bastante fome. O leito era duro e a noite gélida, e como tivéssemos apenas os nossos

casacos para nos cobrir, senti um pouco de frio, mas, mesmo assim, dormi muito bem. Durante a noite, os moradores daquela fazenda começaram a tarefa de descascar raízes de mandioca para o preparo da farinha, ao clarão de enormes tochas. Não havendo mais sossego, nos levantamos e observamos, por algum tempo, a faina. Depois, pegamos as nossas montarias, o que levou bastante tempo, e partimos, após os merecidos agradecimentos.

No alto dos morros havia geado fracamente, mas nos vales, a camada era mais grossa, e havia gelo da grossura de um dedo nas poças d'água que, entretanto, derreteram muito depressa.

Foi uma magnífica manhã fria e eu mesmo, com a região glútea bastante prejudicada, me encontrava em rósea disposição. Depois de duas horas, chegamos à fazenda do senhor Serafim Barcelos, onde o meu companheiro, lutando entre um grupo de revolucionários, se encontrara aquartelado por diversas vezes.

Fomos recebidos com a mais gentil cordialidade, e fizemos passeios de reconhecimento pela região e pela fazenda, tendo eu recebido muitas informações sobre produtos agrícolas, agricultura, valor das propriedades, etc., sobre o que escreverei em outra ocasião.

Depois de um sólido almoço, com muita e boa carne, mas sem pão que era substituído por farinha de mandioca, entramos na mata e dirigimo-nos a diversos ribeirões onde, segundo consta, teriam sido encontrados minérios (de ferro), os quais eu queria examinar. Não encontramos nada no gênero, mas vi diversas flôres lindas e árvores e outras coisas interessantes, de maneira que o tempo passou depressa demais. Os cursos d'água naquela região contêm todos êles ouro, e, em vários pontos tanto que um homem pode ganhar de um a três ducados diários. Isto é muito, mas essa faina estraga a gente como um jôgo de azar — muitos empobrecem, outros enriquecem consideravelmente, mas todos se tornam, pela tarefa fácil de obter lucro, preguiçosos e desordei-

ros, ao passo que a labuta naquele solo bom e fértil alimenta o homem, garantidamente.

Foi lá que vi, também pela primeira vez, abelhas nativas que fazem os ninhos nas selvas, onde são apanhadas. Não teem ferrão, são menores do que as nossas abelhas e, nem de longe, tão agressivas. Fazem os ninhos em partes ôcas de troncos de árvores; as células são grandes, como avelãs e a cera é escura e um tanto mole, sendo o mel fino, mas saboroso. Para obter-se o enxame, derruba-se a respectiva árvore, serrando-se depois o tronco dos dois lados da cavidade, rachando-se em seguida o bloco para tirar o mel e a cera. Depois, junta-se e amarra-se novamente as duas partes, e tapa-se tudo com barro, deixando-se apenas uma pequena abertura. Nestes blocos pendurados, as abelhas voltam aos ninhos antigos, onde produzem novamente. O processo é muito primitivo. A apicultura metódica, na forma que se faz com as abelhas européas, deveria dar bons resultados.

A tardinha, após despedida cordial, com abraços e repetidos convites para outra visita, partimos para alcançarmos ainda "Muito Bonito", onde nos haviam convidado para pernoitar.

Desorientamo-nos, entretanto, e cavalgamos pela região até às nove horas da noite, sem avistar casa alguma. Quando por fim encontramos uma estância no mato, onde se encontravam alguns negros e a proprietária, uma mulata. Mesmo que as aparências não fôsem muito boas, vimo-nos obrigados a permanecer ali. Ainda nos serviram algumas costelas assadas ao fogo, além de farinha. A fome temperou a refeição simples, que não foi de grande asseio, tendo os dedos de fazer as funções de garfos. Depois nos serviram mate e, fumados ainda alguns cigarros, e tendo eu rememorado os acontecimentos do dia, deitamo-nos para descansar dentro de uma cabana inacabada, sem paredes ainda, mas com cobertura. O leito improvisado sobre uma porta, era duro, porém o cansaço nos fêz dormir bem.

Partimos ao raiar do dia em di-

reção a "Muito Bonito", onde fomos novamente recebidos com muita amabilidade.

Depois de bem alimentados, tendo passado mais uma revista na bela propriedade, partimos, tendo chegado ao cair da noite em Pelotas, com a região glútea bastante maltratada, mas absolutamente satisfeitos com o resultado da excursão.

No dia seguinte, visitei uma fábrica de sebo nas proximidades, por cujo proprietário, um francês, fui muito bem recebido e que me mostrou as instalações, tendo conversado com ele sobre tudo que se pode ali empreender, ainda. O homem havia iniciado, fazia cinco anos, com poucos recursos e, através de muito trabalho e empenho, possui agora uma grande fábrica com 25 escravos. Ele deu-me esperanças para um empreendimento químico, convidando-me, também, para fazer o necessário estágio no seu estabelecimento, para o caso de eu resolver voltar a Pelotas para estabelecer-me ali.

No dia seguinte voltei ao Rio Grande, onde precisei embarcar imediatamente no vapor que zarparia no dia seguinte, com destino ao Rio. Sobre esta viagem, comunicarei na carta seguinte.

Desde que pisei em terra firme, como meus queridos pais podem verificar, quase não tive tempo para dedicar-me a mim mesmo. Já vi que, aqui, o empenho para a fixação em algum empreendimento é maior do que na Alemanha, mas também o são as possibilidades em relação aos lucros.

Aqui, no Rio de Janeiro, a hospitalidade anda danadamente escassa; Todas as minhas recomendações serviram-me de quase nada. Tendo de gastar, assim, muito dinheiro, pretendo afastar-me, o mais depressa possível. Em convites para a mesa, nem se fala, o que mesmo não é possível, porque quase todas as famílias (estrangeiras) moram longe, por vezes duas horas distantes do centro, e só aqui chegam para cuidar dos negócios, voltando logo depois.

O sr. H. Froehlich, para cujos filhos eu trazia cartas, nem procurei, porque ele, segundo consta, parece ser um homem bastante ori-

ginal. Simples jornaleiro antigamente em Bremen, estaria ele aqui hoje muito rico, pelos próprios esforços, mas de maneiras bruscas e insultuosas, muitas vezes, tendo eu sido advertido de não procurá-lo, para poupar-me aborrecimentos.

A filha (no endereço ainda "Fräulein", é agora Madame Emilia, recebeu-me muito bem em companhia de seu marido e de um primo, morando eles também uma e meia hora de viagem distante da cidade.

As cartas de recomendação, desta maneira, com exceção de alguns bons conselhos, que de fato me valeram, nada de positivo resolveram para mim. Travei, entretanto, outros conhecimentos com pessoas que se empenharam bastante por mim, apoiando-me no desempenho dos meus objetivos.

Encontrei aqui, aliás, uma família com a qual pretendo estreitar relações, onde fui muito bem recebido, sem ter sido recomendado. O chefe desta família é um comerciante hamburguês, sr. Bahre, homem muito inteligente, se bem que excêntrico, que veio para cá com os mesmos objetivos que eu, isto é, colonização.

A amabilidade calma da esposa é o equilíbrio para as adversidades criadas pelo caráter do marido. Esta família pretende estabelecer-se em Pelotas ou Montevideo e, possivelmente, eu os acompanharei, tanto mais quanto o sr. Bahre me fez propostas para um empreendimento em comum, caso não sejam realizáveis os nossos objetivos de colonização.

Na província do Rio Grande, a hospitalidade é muito grande, podendo-se viajar durante meses sem fazer gastos, além de alguns talers em milho para os cavalos. É tido como ofensa oferecer-se pagamento em uma propriedade onde se comeu, bebeu e pernitoiu. Quem é dedicado às crianças, pode contar com o mais sincero acolhimento, mesmo para uma permanência mais prolongada. Se eu, portanto, me decidir a fazer viagens de sondagem ao Rio Grande, as despesas serão mínimas.

O que se conta aí de animais selvagens e cobras também não é tão assustador. Quem quiser ver uma

onça, ou um tigre, vivos nas selvas, deverá mesmo caçá-los, pois evitam timidamente o homem, atacando mesmo só quando muito famintos, ou então quando feridos. É interessante que não é atacado o branco, quando êste se encontra em companhia de um negro, que então será o cobiçado.

Com as cobras o caso, igualmente, não é tão grave como se supõe. Consta que há muitas, segundo alguns dizem, mas as mordidas são relativamente raras, porque as cobras são medrosas e fogem, se tiverem alguma oportunidade.

(Seguem considerações sôbre o assunto, como também da calamidade dos mosquitos etc. Anotação na cópia da carta da qual foi feita esta tradução.) No Rio Grande estas calamidades são menores, e no inverno, em que estamos, pouco se percebe das mesmas. Mas mesmo que fôssem um pouco mais graves, a terra e o clima pelo menos no Rio Grande, ao qual sempre se voltam os meus pensamentos, são tão excelentes que se pode suportar também algumas adversidades. Um céu ameno, não demasiadamente quente, nem frio demais, sêco e saudável, solo ubertoso e fértil, frutas maravilhosas, tôdas as qualidades de frutas e hortaliças européas, que mais se poderia almejar? Além disso há ainda minérios e carvão, ouro, comércio e bons sa-

lários. Poderia existir terra melhor para os alemães? So, talvez, um pouco mais de Fé e boa vontade da parte do governo.

Em Monteideo, o clima é mais frio, mas saudável da mesma maneira. Com a paz restabelecida, consta que muitos alemães pretendem transferir-se para lá, onde há mais justiça do que aqui. O trigo dá ali muito bem, que antigamente se cultivou com sucesso no Rio Grande, onde, desde uns 20 anos passados, é atacado pela "ferrugem", não dando mais lucro, foi substituído pelo plantio de outros cereais, além de milho, batatas, mandioca etc. Caso eu não consiga nada no Rio Grande, irei, provavelmente com o meu projeto de colonização a Monteideo, para onde já tenho propostas da parte de um espanhol rico, mas cujas bases ainda não estudei bastante. De qualquer maneira, contanto que a minha vista permaneça boa, poderei eu arrumar aqui o meu futuro, podendo afirmar desde já, que jamais arrependerei-me de ter vindo para cá, contanto que eu possa conservar a saúde.

(Segundo a cópia de onde foi feita esta tradução, à carta seguiam conselhos para os sobrinhos Gaertner e Kegel, caso quizessem emigrar para o Brasil).

Hermann Blumenau

(Terminada a 5 de agosto de 1864).

BLUMENAU EM CADERNOS

FUNDAÇÃO E DIREÇÃO DE J. FERREIRA DA SILVA

ÓRGÃO DESTINADO AO ESTUDO E DIVULGAÇÃO
DA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA

ASSINATURAS: POR TOMO (12 numeros) CR.\$ 300,00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

BLUMENAU

— STA. CATARINA

— CAIXA POSTAL 425

Fábrica de Gaitas

“Alfredo Hering” S. A. Com. e Ind.

Largo Cel. Feddersen — Cx| Postal, 115 — End. Tel. “GAITA”
BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

**TRADIÇÃO e QUALIDADE em
GAITAS DE BÔCA e ACORDEÕES**

**PROCURE CONHECER OS NOVOS
MODELOS DE GAITAS E SANFO-
NAS, EM MODERNO ACABAMENTO. —**

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Matriz : ITAJAÍ - Santa Catarina

CAPITAL E RESERVAS Cr\$ 1.000.000.000,00

DEPÓSITOS EM 5-3-63 Cr\$ 11.246.116.306,80

Agência em Brasília (DF)
Agências no Rio de Janeiro

Avenida W. 3, Quadra 7 B, Loja 3
Rua Visconde de Inhaúma, 134 Loja
Rua do Carmo, 66

Agências em São Paulo

Rua São Bento, 341
Rua Marconi, 45
Rua Florêncio de Abreu, 637
Av. Celso Garcia, 503
Rua Cincinato Pomponet, 187

Agência em Curitiba

Rua Monsenhor Celso, 50

Agência em Florianópolis

Praça 15 de Novembro, 9

Agências no Estado de Santa Catarina : Araranguá, Blumenau, Bom Retiro, Braço do Norte, Brusque, Caçador, Camboriú, Campos Novos, Capinzal, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Curitibanos, Estreito, Gaspar, Guarimir, Ibirama, Imbituba, Indaial, Itaiópolis, Ituporanga, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Laguna, Lajes, Lauro Mueller, Luiz Alves, Mafra, Orleães, Piratuba, Pôrto União, Rio do Sul, Rio Negrinho, Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Carlos, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, São Joaquim, Taió, Tangará, Tijucas, Timbó, Tubarão, Urussanga, Videira e Xanxerê.

Agências no Estado do Paraná : Cambará, Clevelândia, Lapa, Maringá, Palmas, Palmeira, Ponta Grossa, e São Mateus do Sul.

Agências no Estado de São Paulo: Botucatu, Campinas, Cruzeiro, Jaboticabal, Jacareí, Jaú, Lençóis Paulista, Lorena, Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Paraguaçu Paulista, Pinhal, Piracaba, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo André, Santos, Sertãozinho e Taubaté.

Agência no Estado do Rio de Janeiro: Barra Mansa.

Escritórios no Estado de Santa Catarina: Biguaçu, São José e Urubici.

Escritórios no Estado de São Paulo: Alfredo Guedes, Barrinha, Guararema, Guariba, Lutécia, Monte-Mor, Poá, Queluz, Rio das Pedras, Salesópolis, Sosas, Tremembé e Vila dos Lavradores.

Abra uma conta no INCO e pague com cheque !